

Prioridade para o Valo Grande

Em editorial anterior, depois de comentar a equivocada intervenção do homem na natureza – fruto da ignorância ambiental do século 19 –, que foi a abertura do Valo Grande, canal artificial entre o Rio Ribeira e o Mar Pequeno (no município de Iguape, litoral sul de São Paulo), para encurtar a viagem fluvial entre a cidade de Registro e o Porto de Iguape, falávamos do desastre ecológico resultante do alargamento de 4,4 m para 300 m desse canal, pela força das águas (num processo que demorou mais de um século) e da necessidade de se concluir as obras da barragem para fechá-lo, uma vez que a barragem anterior, feita em 1978, com terra e pedra, não durara mais do que dez anos. Concluíamos cobrando maior sensibilidade do atual governo estadual, em relação ao problema. Em carta que nos foi enviada, publicada no *Fórum dos Leitores*, em 2/1, o secretário de Estado da Ciência, Tecnologia e Desenvolvimento Econômico de São Paulo, Ruy Martins Altenfelder Silva, reafirmou o compromisso do governo do Estado com aquela região, referiu-se ao seminário realizado com esse objetivo, em março de 2000 – o Fórum de Desenvolvimento do Vale do Ribeira-Caminhos do Futuro –, assim como às primeiras obras consideradas prioritárias, entre as quais a Ponte de Eldorado, a pavimentação e a

perenização da Estrada Sete Barras-São Miguel Arcanjo, a construção do Aeroporto de Registro e o desassoreamento da Barra de Cananéia.

Sem desconsiderar a importância dessas prioridades constatamos que, infelizmente, como supúnhamos naquele editorial, o governo do Estado não demonstra sensibilidade em relação à questão central, que é a de recuperar o grande berçário ictiológico, contido no complexo estuarino-lagunar de Iguape-Cananéia-Paranaguá, seriamente agredido pela vazão das águas doces do Rio Ribeira para o Mar Pequeno, através do Valo Grande.

São abundantes os estudos das mais importantes instituições científicas nacionais e internacionais – como o Instituto Oceanográfico da USP e a FAO – que apontam essa região, compreendendo uma área de 92 milhas marítimas entre Iguape e Paranaguá, abrangendo as Baías de Pinheiro, Guaraqueçaba e Paranaguá, como um dos cinco principais viveiros aquáticos naturais do mundo. Consistindo em um conjunto harmonioso de baías, mangues, rios, canais sinuosos entre o mar e o continente, separado pelas Ilhas Comprida e Cananéia, trata-se de um estuário que, até ser invadido pelas águas do Rio Ribeira – que antes desaguava na Barra de Iguape e, com o alargamento do Canal do Valo Grande, passou a desaguar na

Barra de Cananéia –, era riquíssimo, de grande complexidade ecológica. Nele – antes da invasão das águas do Rio Ribeira –, os rios e as marés avançavam e refluíam, renovando e alimentando peixes, crustáceos e milhões de animais e plantas aquáticas, em permanente processo de transformação.

Em 11 de setembro de 1978, o *Jornal da Tarde* comemorava a vitória de uma campanha, iniciada neste jornal 15 anos antes – e resultante em pro-

missa cumprida pelo então governador Paulo Egydio Martins – com editorial no qual se aplaudia “o fechamento do Valo Grande e conseqüente recuperação de todo o complexo lagunar de Iguape e Cananéia”.

No período em que o Valo Grande esteve fechado, a vida na região lagunar ressurgia rapidamente. O Instituto Oceanográfico constatou que nesse período houve: aumento da salinidade e transparência das águas do Mar Pequeno e de Cananéia; redução da carga de sedimentos – e, em conseqüência, dos processos de assoreamento; recuperação do Mar Pequeno por camarões e, dos baixios, por mangues; enriquecimento da fauna; elevação da qualidade da água. Por sua vez, a Cetesb comprovou a existência de 80 espécies de pei-

xes, formando densas populações. Na laguna foram encontradas 7 espécies de bagres, corvinas, cavalas, tainhas, solteiras, xareletes, pescadas – amarela e branca –, robalos, 4 espécies de camarões, etc. Tal riqueza, que renascera com o fechamento do Valo Grande, voltou a desaparecer quando

acabou a barragem – e 2/3 das águas doces (frequentemente poluídas e contendo agrotóxicos) do Ribeira voltaram a ser despejadas no Mar Pequeno.

Embora seja discutível a influência do fechamento do Valo Grande no aumento das enchentes na região (uma vez que elas ocorreram antes, durante e depois da existência da barragem, em razão de fatores climáticos específicos), é claro que a melhor solução é a do barramento com eclusas – que faz parte da obra já iniciada e não concluída pelo governo estadual, por alegada falta de recursos.

Só não se entende como esse grave problema do Valo Grande ainda não tenha se tornado uma das prioridades do governo de São Paulo, em seu compromisso com o Vale do Ribeira – e, certamente, com as futuras gerações, do Estado e do País, que não merecem perder um dos santuários ecológicos do Planeta.

**Quando
esteve
fechado, a
vida lagunar
ressurgia
rapidamente**

INSTITUTO	Documentação
Fonte	USP (Notas e Informações)
Data	8/11/2002
Class	65